

# CRÍTICA COMPARATISTA BIOGRÁFICO-FRONTERIZA CONTEMPORÂNEA: Gabriel García Márquez e Edgar Cézar Nolasco, encontros ao (des)britanizar a literatura latino-americana

Fábio do Vale\*  
Edgar Cézar Nolasco\*\*

**Resumo:** Proponho neste artigo – por ancoragem descolonial – o exercício comparatista crítico biográfico-fronterizo contemporâneo assentado na proposta exequível da literatura comparada com dois autores latino-americanos cujo cerne cultural é por eles valorado e potencializado com visada amoderna, descolonial, ou por assim dizer, não eurocêntrica, então atravessada por questões contemporâneas a partir de e com a literatura da nossa América Latina. Por esse viés epistêmico comparatista descolonial aliançamos os autores latinos: o colombiano Gabriel García Márquez e o brasileiro Edgar Cézar Nolasco que não apenas enunciam as suas criticidades sobre a América Latina, mas potencializam, através da literatura, a nossa cultura latino-americana, logo, a nossa latinidade. Assim sendo, ao (des)britanizar friso que a crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea não replica a literatura comparada tradicional – moderna –, mas sim realiza um exercício crítico que valora os *loci*, lugares, e o *bios*,

---

\* Doutorando pelo Programa de Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS). E-mail: professorfabioletras@gmail.com.

\*\* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), grupo de pesquisa certificado pelo CNPq. E-mail: ecnolasco@uol.com.br.

vida, das criticidades latino-americanas que aqui estamos aplicando neste diálogo acadêmico-epistemológico literário.

**Palavras-chave:** Literatura comparada; Crítica biográfica fronteira; América Latina. (Des)britanizar.

## **CRÍTICA COMPARATISTA BIOGRÁFICO-FRONTIERIZA CONTEMPORÁNEA: Gabriel García Márquez y Edgar Cézár Nolasco: encuentros al (des)britanizar la literatura latinoamericana**

**Resúmen:** En este artículo propongo – por anclaje decolonial – el ejercicio comparatista crítico biográfico-fronterizo contemporáneo a partir de la propuesta factible de la literatura comparada con dos autores latinoamericanos cuyo cerco cultural es valorado y potenciado por ellos con una mirada no moderna, o por así decir, descolonial, con enfoque no eurocéntrica, entonces atravesada por cuestiones contemporáneas a partir y con la literatura de nuestra Latinoamérica. A través de este camino epistémico comparativo descolonial, hemos aliado a los autores latinos: el colombiano Gabriel García Márquez y el brasileño Edgar Cézár Nolasco, quienes no solo expresan sus críticas a América Latina, sino potencian, a través de la literatura, nuestra cultura latinoamericana, nuestra latinidad. Por tanto, por (des)britanizar friso que la crítica biográfica-fronteriza comparativa contemporánea no replica la literatura comparada tradicional – moderna –, pero sí realiza un ejercicio crítico que valora los *loci*, lugares y el *bios*, vida, de las criticidades latinoamericanas que acá estamos aplicando en este diálogo académico-epistemológico literario.

**Palabras clave:** Literatura comparada; Crítica biográfica fronteriza; Latinoamérica (Des)britanizar.

Lo que se está buscando, y que ya se ha logrado en gran parte, es un comparatismo según el cual los intelectuales latinoamericanos se posicionen críticamente a partir de su propio locus de enunciación, es decir, de las especificidades de su propio proceso de formación, y reciban la contribución foránea desde esa perspectiva.

COUTINHO. *Literatura comparada en América Latina*, p. 24.

Confesso que fiz o possível para não comparecer a esta assembleia: tentei ficar doente, busquei um jeito de conseguir uma pneumonia, fui até o barbeiro com a esperança de que ele me degolasse e, no final, tive a ideia de vir sem paletó nem gravata para que não me permitissem entrar num reunião tão formal como esta, mas esqueci que estava na Venezuela, onde se pode ir a qualquer lugar em mangas de camisa. Resultado: cá estou, e não sei por onde começar. Mas posso contar, por exemplo, como comecei a escrever.

MÁRQUEZ. *Eu não vim fazer um discurso*, p. 12.

Eu mesmo descobri, para minha surpresa, que tais palavras não me eram estranhas desde minha infância vivida na fronteira com o Paraguai, ali à beira do rio Dourados. Minha memória cultural está atravessada pelas conversas dos ervateiros e campeiros da região. De toda essa herança e errância cultural e histórica, sobrevive, em minhas sensibilidades biográficas, o canto melancólico do urutau como mimetizador de uma paisagem local que não se deixa emoldurar pelas palavras.

NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 12.

A literatura comparada contemporânea latino-americana – em seu olhar desviante, sobremaneira – tem abarcado vislumbres críticos que não minoram a história, sobretudo a moderna, mas tem fomentado questões não apreciadas no bojo acadêmico, principalmente, questões e atravessamentos de vida, ou seja, do *bios*. O tom das epigramas deste artigo, em face de tapete-vermelho, abrem os meandros para apresentar o que temos discernido sob o invólucro contemporâneo (CANDIDO, 1993, p. 212) e que conceituamos como crítica comparatista biográfico-frontereira, a partir do meu biolócus sul-frontereiro: NECC, Núcleo de Estudos Culturais Comparados pela UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde penso, investigo, comparo, sinto e enuncio.

Podemos aqui – nesse campo epistemológico (MIGNOLO, 2008, p. 292) – aliançar as epigramas arroladas para este debate comparatista. Ambos os autores Gabriel García Márquez e Edgar Cézár Nolasco e até mesmo o crítico Eduardo F. Coutinho (2018) incitam os prismas desviantes em que a literatura comparada (CARVALHAL, 2003, p. 15) na América Latina tem se manifestado. Discursos atravessados pelas faces crítico-sinestésicas que paulatinamente demonstram a identidade do enunciador crítico-teórico latino-americano na contemporaneidade são percebíveis em todas as tutelas-epigrafadas factuais desta incipiente discussão literária – que busca sempre angariar a latinidade – percebendo o *modus operandi* para condução crítica que temos apreciado na América Latina (MIGNOLO, 2003, p. 144) em que a crítica se desdobra pelas sensibilidades da vida. Esse delinear foi apontado por Candido no final do século passado:

Há mais de quarenta anos eu disse que “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada”, porque a nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando-os como critérios de validade. Daí ter havido uma espécie de comparatismo difuso e espontâneo na filigrana do trabalho crítico desde o tempo do romantismo, quando os brasileiros afirmaram que a sua literatura era diferente da de Portugal (CANDIDO, 1993, p. 211).

A literatura comparada contemporânea latino-americana circunscreve a perspectiva descolonial principalmente para quantificar em condição *sine qua non* questões não antes empregadas pela academia, na crítica, na formatação irregular do entendido e opressor modo de qualificar literalidades e suas criticidades, como fora percebido pelos brasileiros da escola literária romântica que, na ótica desses, destoa da leitura literária portuguesa.

O trabalho comparatista contemporâneo na América Latina acontece por natureza da própria latinidade. Percebemos que tanto em Nolasco como em “Gabo”, Gabriel García Márquez, a literatura enunciativa parte das ancoragens de vida que os dois – em um experienciar sensível das fendas que os circundam – enunciam sem medir o capacite discursivo por também falarem à academia e, principalmente, com a academia. No Brasil (CANDIDO, 1993, p. 215), Edgar Cézar Nolasco fora indicado sendo finalista do prêmio Jabuti, considerado pela crítica o Óscar da literatura brasileira, enquanto Gabo – mais antigo na enseada crítico-literária – já angariou assim como: Gabriela Mistral, Miguel Ángel Asturias, Pablo Neruda, Octavio Paz e Mario Vargas Llosa, o afamado Prêmio Nobel de Literatura.

As referidas premiações – indicações – aconteceram a partir do ano de 1945, sendo o peruano Mario Vargas Llosa em 2010 o último latino-americano a ser premiado no transcorrer da contemporaneidade. O Prêmio Nobel de Literatura é concedido pela Academia Sueca em Estocolmo desde 1901, à exceção das interrupções óbvias durante as guerras mundiais que inclusive, inaugura após mudança cívico-política ocorrida a partir do desfecho da Segunda Guerra Mundial (MIGNOLO, 2003, p. 136), o olhar da academia dos europeus (CANDIDO, 1993, p. 214) de se valorar a produção genuinamente periférica, ou seja, latino-americana. Postura formalizada pela Associação Brasileira de Literatura Comparada, ABRALIC:

Vinte anos depois de sua fundação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a Associação Brasileira de Literatura Comparada consolidou-se plenamente como entidade capaz de reunir estudiosos de Literatura e de áreas afins, constituindo-se em um polo convergente de inquietudes e discussões intelectuais não só no Brasil como em outros países da América Latina (CARVALHAL, 2006, p. 11).

Pontos organizacionais que puderam apreciar criticamente o porquê das últimas seis premiações do Nobel da Literatura concedidas aos autores latino-americanos aconteceram no intervalo aproximado de uma década desde 1945 até 2010, o que prefigura e se pode auferir que a América Latina (MIGNOLO, 2003, p. 177) passou a ter a sua identidade crítico-literária percebida por aqueles que outorgavam suas produções de centro como únicas fontes-consultivas no cerne acadêmico literário internacional. Nesses seis autores premiados e também em Edgar Cézár Nolasco, pode-se perceber – notoriamente – o dedicado modo enunciativo de se valorar questões biográficas e não apenas delas enunciar, mas com elas também tecer-críticas, promovendo uma ótica distinta das outras empregadas no restante do mundo, denotando então, o estilo-latino-crítico de se produzir literatura. Tal essa é a razão pós-ocidental que nos circunda e de fato é partícipe da nossa cultura:

O fato de estarmos começando a ver artigos misturando a pós-colonialidade tornou-se um tópico importante de discussão em círculos acadêmicos, na própria ex-colônia que se tornou uma potência mundial, embora nem sempre se faça a distinção entre a emergência e os usos tanto da pós-colonialidade, nem se avaliem suas consequências (MIGNOLO, 2013, p. 145).

Assim e por isso mesmo, compreende-se que a literatura comparada cumpre sua adaptabilidade inerente a qualquer geração: sob a égide do cavaleiro errante, em suas múltiplas variações, a literatura comparada vive a aventura dos tempos e enfrenta, na formulação de perguntas, a sua permanente validação (CARVALHAL, p. 2006, p. 17). Nessa esteira de teorização pós-colonial (MIGNOLO, 2003, p. 146) aponto – epistemologicamente – que *crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea* goza desses preceitos críticos. Proponho dizer que a literatura comparada contemporânea latino-americana tem dinamizado – através da apreciação crítico-biográfica – o fator distintivo da produção que nos matiza enquanto latinos, que nos

qualifica e enaltece a nossa cultura, ou seja, a nossa latinidade que por vezes fora silenciada, escanteada e, principalmente, desqualificada por práticas eurocêntricas, por assim dizer, modernos.

A proposta comparatista através da leitura crítico biográfica potencializa a leitura da literatura comparada contemporânea por condicionar essa prática a uma questão de *bios*, de vida, de um lugar – lócus – que não apenas nos localiza por questões geográficas, mas nos erige culturalmente. Essa leitura e incentivo da ABRALIC têm tomado proporções mais abrangentes o que justifica – ancora – a face comparatista crítico biográfico-fronteriza que estamos propondo:

A partir da ABRALIC, o movimento associativo ganhou corpo na Argentina, no Uruguai e no Peru está por alcançar outras regiões sob o estímulo do Comitê de Estudos Latino-americanos da Associação internacional de Literatura Comparada (AILC/ICLA) que tem entre seus objetivos centrais a constituição de novas associações na área que facilitem os contatos entre estudiosos e o intercâmbio intelectual entre eles (CARVALHAL, 2006, p. 11).

Gabriel García Marques e Edgar César Nolasco transitam nesse lócus (MIGNOLO, 2003, p. 165) latino e, principalmente, enunciam desse/deste espaço que nos irmana como fundamenta a ABRALIC. A literatura comparada (CANDIDO, 1993, p. 214) aliança esses dois autores por redimensionar a crítica literária que sempre tece as suas impressões a partir das condições as quais viveram e foram experienciadas em suas práticas literárias. Essas práticas literárias edificam o pensamento próprio em que se pode dizer: *escribo lo que quiero y como sujeto latinoamericano tengo mis propios pensamientos, quiero decir, un pensamiento propio. Soy de color latino, soy contemporáneo, soy decolonial*. É com essa leitura sinestésica dos corpos-latinos que a percebemos – comparatista(mente) – a proximidade e astúcia de Gabo e Nolasco na América Latina (MIGNOLO, 2003, p. 150).

Tanto para Gabo como para Nolasco, as questões biográficas são peças nutridas para todo e qualquer diálogo crítico. Percebe-se em ambos os discursos elevada preocupação de se qualificar o seu local de enunciação o que chamamos de lócus de enunciação. Embora latino-americanos, Gabo enfatiza que é colombiano e que fez da Colômbia um país notadamente mais conhecido no que tange a universalização cultural (MÁRQUEZ, 2011, p. 80). Por outro lado, Nolasco destaca sua vivência brasileiro-interiorana no Estado de Mato Grosso do Sul, não apenas enunciando sobre, mas todas as suas experiências de homem-fronteira desenroladas até o ápice – em trânsito – da sua vida acadêmica e literária. Para os autores, o conceito intitulado pelo escritor brasileiro Oswald de Andrade como antropofágico, aparece nessa estirpe de um devorar cultural, no sentido-cru – e necessário – da literatura de se apreciar ao máximo a cultura que se tem e que se vive. Tudo isso para propor nova perspectiva, por novas teorizações:

Enquanto os comparatistas continuam a debater-se, em nível teórico, com os mesmos problemas que ocupavam seus colegas do século XIX, teorias mais recentes sobre a produção e a recepção da literatura estão a exigir não uma atualização superficial, reformista, dos conceitos e métodos de sua disciplina, mas uma transformação radical da mesma (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 91-92).

Entendemos que a mudança radical incitada pelo trecho supracitado está intrinsecamente alicerçada à ideia da crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea que aqui estamos discernindo. Oswald de Andrade, por exemplo, escritor modernista (1890-1954), batalhou para que o Brasil conseguisse – em 1922, na Semana de Arte Moderna brasileira – o que Johann Gottfried Von Herder, filósofo alemão, disse no desfecho do século XVIII, que se deveria buscar em todos os países uma alma nacional, quicá fosse fácil tecer esse comentário, uma vez que na Germânia – Alemanha – essa alma nacional tão requerida por países – aparentemente desalmados – já é

solidamente edificada. Na contemporaneidade a literatura comparada (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 97) que estamos propondo delinea através essas vicissitudes, do Chile até o nosso México perfazendo o território latino-americano apontando a face limítrofe nos Estados Unidos da América que também nos pertence no que tange o percurso da América Latina e sua extensão territorial.

Assim entendemos, pois o pensamento próprio (des)britaniza, ou seja, cumpre as práticas descoloniais não se encorando nas convenções postas comparatistas-vigentes, demonstrando perspectivas *outras*, ou seja, descoloniais, amodernas, para esse novo momento que estamos inaugurando, ou por melhor dizer, apresentado à crítica comparatista contemporânea da literatura comparada (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 92) latino-americana. Gabo e Nolasco desdobram métodos de uma crítica domiciliar, por assim crivar, enunciam de suas casas latinas carregando em seus discursos todas as sensibilidades que roçaram/roçam seus corpos-latinos, assim, por bem nutrirmos essa proximidade, compreendemos ser genuína a missão crítico-latina desses dois escritores não eurocêtricos. Nesse liame encontramos Nolasco orientando a situacional condição brasileira:

Ressalvadas as diferenças, essa prioridade em torno de um lócus territorial e epistemológico ilustra o lugar que o Brasil ocupa dentro das discussões pós-coloniais feitas na América Latina, assim como o caminho, às vezes solitária, que a crítica brasileira tem de trilhar, mesmo com sua capacidade crítica ímpar de dialogar com as críticas vindas de fora (NOLASCO, 2013, p. 16).

Nolasco pensa Brasil-América Latina, enquanto muito se pensou Europa-Brasil para que o resultado fosse a réplica moderna. Gago transita nesse mesmo espaço crítico:

A solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos solitários enquanto não se concretize com atos de

respaldo legítimo aos povos que assumam a esperança de ter uma vida própria na divisão do mundo. A América Latina não quer nem tem por que ser um peão sem rumo ou decisão, nem tem nada de quimérico que seus desígnios de independência e originalidade se convertam em uma aspiração ocidental (MÁRQUEZ, 2011, p. 27).

É perceptível a preocupação com as questões latinas. As concepções de Gabo e Nolasco aliançam esse tom da crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea em que os autores cumprem o (des)britanizar da cultura latino-americana como não apenas críticos das questões político-culturais em jogo, mas como enunciadores de uma percepção que enaltece a camada do pensamento próprio que aqui estamos propondo através deste estudo de literatura comparada com ancoragem no aporte crítico biográfico fronteiriço. Confesso me sentir confortável para – epistemologicamente – sentar à mesa com os autores preditos e após muita prosa antropofágica latino-americana esperar, sem titubear que a nossa sobremesa seja ao toque do doce da nossa latinidade, pois como latino, desejo, sonho, penso e digo o que eu quero.

Preciso agora – notoriamente – considerar a longínqua e distinta posição de Gabo e Nolasco quantificada as devidas proporções de quem ainda transitam pela América Latina (MIGNOLO, 2008, p. 302) pela convergência fronteiriça como o professor brasileiro, enquanto o escritor colombiano já consagrado se encontra consolidado, então, nas enseadas crítico-culturais latino-americanas. Nesse ínterim devemos reconhecer esse pódio distinto não pelo esmero de qualitativo crítico, mas pelo produto completo que já possuímos da produção de Gabriel García Márquez. Por essa esclarecida leitura, continuamos a apresentar pela ancoragem crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea, as semelhanças – similaridade – nas diferenças (MIGNOLO, 2008, p. 300) entre Nolasco e o escritor colombiano.

Ambos os autores vislumbram e tecem – criticamente – questões políticas e culturais que se desdobram na América Latina cuja proposta demonstra – nos dois escritores – elevada preocupação pelo lócus latino, ou seja, as atividades políticas e culturais cujos corpos colombiano e brasileiro dos referidos autores sentem, percebem e enunciam. Por essas nuances auferida e através da crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea – organizamos essa visada comum nas obras: *Eu não vim fazer um discurso* de Gabriel García Márquez e *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* de Edgar César Nolasco. Esse encontro crítico-latino é percebível através do exercício da crítica comparatista biográfico-fronteriza que aqui estamos propondo no entendimento de que essa postura enaltece e qualifica o que chamamos de latinidade, cuja teorização não parte do centro, mas sempre da margem, como o excerto abaixo nos apresenta:

Particularidade, referente espacial, forma de territorialidade, América do Sul, América Latina, um lugar ao Sul do Equador chamado Brasil, um lócus subalterno específico. Apontar um lugar, delimitar um espaço para o subalterno é o começo de uma estratégia crítica que visa, ao invés de antes procurar representar o subalterno como um sujeito social concreto, discutir a problematização do subalterno nos discursos disciplinares e nas práticas dentro da academia (NOLASCO, 2013, p. 22).

A literatura latino-americana circunscreve – como Nolasco valorou no texto predisposto – valorações político-culturais cuja disposição, prioriza, antes mesmo de se discutir o sujeito-subalterno, apreciar-se a problematização que o indivíduo está inserido. Esse tom crítico-sinestésico – percebido através deste exercício crítico comparatista biográfico-fronterizo que estamos desenvolvendo – fomenta um olhar desviante da academia posta, que costumeiramente se dispôs a normatizar – estabelecendo – o sujeito pela sua ação apenas desconsiderando os vários *loci* os quais estavam inseridos. O exercício

da literatura comparada que aqui estamos propondo vislumbra esse percurso por estradas não trafegadas por veículos modernos, logo, por não passarem por paisagens – biogeográficas latinas – não sentem o que nas viscerais criticidades que nós latinos percorremos, sentimos e, principalmente, investigamos para – através do olhar desviante amoderno – proporcionar uma visada comparatista descolonial fronteriza-contemporânea.

A obra de Gabo que trouxemos para esse processo comparatista – não moderno – dialoga com o livro teórico-cultural de Nolasco por imprimir, à crítica latino-americana, preocupações políticas com a América Latina que não podem ser descartadas. Nesses meandros da literatura contemporânea comparada descolonial que estamos propondo para qualificar a distinção de apenas se comparar sujeitos sem qualificar as suas verdades biográficas, prática cumprida pela criticidade estagnadora eurocêntrica (BHABHA, 1998, p. 46) que tenta dar conta de tecer crítica a partir de um lócus que não habitam. Por esses matizes epistemológicos a visada comparatista crítica biográfico-fronteriza problematiza as políticas circunstanciais do povo, comunidade que está inserida no processo como peça necessária para o exercício comparatista. Por essa verve crítica o distinto escritor colombiano considera:

Uma vantagem que aumenta e se acelera: a cada ano há 74 milhões de nascimentos a mais que mortes, uma quantidade de novos vivos suficiente para aumentar sete vezes, a cada ano, a população de Nova York. A maioria deles nasce nos países com menos recursos, e entre eles, é claro, os da América Latina. Enquanto isso, os países mais prósperos conseguiram acumular um poder de destruição suficiente para aniquilar cem vezes não apenas todos os seres humanos que existiram até hoje, mas a totalidade de seres vivos que passaram por este planeta de infortúnios (MÁRQUEZ, 2011, p. 28).

A produção literária da América Latina – exemplificada através dos autores em estudo – valora o povo como peça motriz alinhavada como condição preliminar de análise do sujeito para que as ações dos corpos sejam compreendidas e em muitas vezes esclarecidos como aponta a leitura de Gabo ao valorar o próspero nascimento de latinos – periféricos – se comparado aos nascimentos do grande centro, demonstrando a sua leitura política fomentando o nosso pensamento de que mais adiante, haverá uma população – hoje vista como desafortunada por grande parte dos pesquisadores – não apenas no qualitativo, mas também no quantitativo produtivo-acadêmico. Essa preocupação literária latino-americana, percebida em vários autores e artistas latinos (des)britaniza, ou seja, proporciona liberdade (MIGNOLO, 2008, p. 300) produtiva literária – sem moldes – de se pensar o corpo-latino muito além das personagens fictícias de obras apreciadas, mas também o exercício crítico dos autores que aqui estamos apreciando nessa visada comparatista crítico-biográfica fronteriza que preconiza – ao nosso entendimento – que a apreciação da literatura comparada preserva e caminha com os corpos político-culturais perfazendo uma identidade distintamente explorada pelos escritores, artistas plásticos e músicos latino-americanos.

Indecifrável e não coerente seria propormos uma leitura comparatista abarcando meramente elementos linguísticos de duas ou mais obras literárias, bem como narratológicas e seus estudos qualificantes. No núcleo de pesquisa ao qual faço parte e produzo e que aplica e exerce essa atividade, refiro-me ao NECC, da UFMS, pensamos e entendemos que a questão política, mas principalmente a biográfica, deve fazer parte do invólucro comparatista contemporâneo que estamos discernindo nos últimos trabalhos. A partir dessa visada elementarmente descolonial compreendemos que literatura latino-americana tem – em passos mais ágeis – cumprido esse papel percebível desde a metade do século XX, principalmente em seu aspecto cultural como disserta Gabriel García Márquez:

Por sorte, a reserva determinante da América Latina e do Caribe é uma energia capaz de mover o mundo: a perigosa memória dos nossos povos. É um imenso patrimônio cultural anterior a toda matéria-prima, uma matéria primária de caráter múltiplo que acompanha cada passo das nossas vidas. É uma cultura de resistência que se expressa nos esconderijos da linguagem, nas virgens mulatas — nossas padroeiras artesanais —, verdadeiros milagres do povo contra o poder clerical colonizador. É uma cultura da solidariedade, que se expressa diante dos excessos criminosos da nossa natureza indômita, ou na insurgência dos povos pela sua identidade e pela sua soberania. É uma cultura de protesto nos rostos indígenas dos anjos artesanais de nossos templos, ou na música das neves perpétuas que trata de conjurar com a nostalgia os surdos poderes da morte. É uma cultura da vida cotidiana que se expressa na imaginação da cozinha, do modo de vestir, da superstição criativa, das liturgias íntimas do amor. É uma cultura de festa, de transgressão, de mistério, que rompe a camisa de força da realidade e reconcilia, enfim, o raciocínio e a imaginação, a palavra e o gesto, e demonstra de fato que não há conceito que cedo ou tarde não seja ultrapassado pela vida (MÁRQUEZ, 2011, p. 36).

Essa multifacetada cultura latino-americana não é só definida por Gabo, mas também é nutrição potencializada para romper com as vestes que tentam normatizar a estirpe dessa cultura libertadora que possuímos e que está sendo apresentada, cada vez mais para contrapor os golpes-catedráticos que nos impuseram estilos e caminhos únicos — modernos — de se tecer e pensar criticamente a literatura hipotética-universal. O encontro entre as produções dos autores deste diálogo na esteira da literatura comparada que estamos propondo aqui através da crítica comparatista biográfico-fronteriza

contemporânea prefigura o passo que a literatura dá em prol da edificação da nossa latinidade.

Imbricados por esse processo latino literário-comparatista des-colonial fundamentamos a necessidade biográfica crítico-sinestésica em que Gabo convalida em seu rito de escritor para se *publicare et propagare* uma cultura inédita aos olhos de muitos críticos modernos, ou seja, o contato com a nossa latinidade crítica e, sobremaneira neste trabalho, também literária. Apontar as problemáticas inerentes ao indivíduo – em meu caso como pesquisador latino-brasileiro – é necessário para que haja aprofundamento das apreciações críticas como discerne Nolasco:

No Brasil, cada vez mais, pratica-se a tarefa de se traduzir obras que tratam diretamente da América Latina (inclusive tal prática é recorrente dentro de várias editoras brasileiras). Tais trabalhos críticos traduzidos, por sua vez, são exaustivamente relidos e reescritos, dentro das universidades brasileiras e até fora delas, para se refletir a cultura brasileira e seus problemas. Essa tarefa editorial de tradução é feita com muito valor e seriedade crítica, em todos os sentidos. Todavia, isso não quer dizer que esse referencial serve feito uma luva para se pensar nossos problemas internos. E se não bastasse, e aí, de meu ponto de vista crítico, reside o pior, tais obras traduzidas tratam, quando tratam, muito indiretamente da cultura brasileira e suas produções culturais, como a literatura, por exemplo, (NOLASCO, 2013, p. 25).

Quando o escritor e professor brasileiro aponta a participação indireta, ou seja, não aprofundada da cultura do Brasil, Nolasco indica que para haver propriedade crítico-literária no país que ele habita, deve-se, portanto, buscar aprofundamento do que se vive, o que é possível através das enunciações biográficas, o que muito bem condiciona Gaba em sua leitura cultural latino-americana. Aqui a leitura

crítica comparatista biográfico-fronteriza apresenta a leitura de ambos os autores marginais, logo, fronteiriços de se pensar a forma-maneira de se emergir através da literatura e principalmente com a literatura configurando uma desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008, p. 316) crítico-literária conotando assim a fuga dos ritos eurocêtricos.

No Brasil, por exemplo, a cultura literária – grande parte das vezes – demonstra cumprir uma réplica da extensão cultural literária moderna, por assim dizer, uma cultura alicerçada em predisposições rítmicas ao toque costumeiro de se falar do domínio linguístico do autor bem como a vastidão do seu campo semântico na composição do texto. Ainda nos dias contemporâneos, vê-se no Brasil um mal entendimento do processo antropofágico desenvolvido pelo escritor brasileiro Oswald de Andrade (1890-1954) que quando retorna da Europa com ideias potencialmente vanguardistas ofertando aos críticos da época uma visada devoradora da própria cultura, ou seja, um debruçar para o autoconhecimento da nossa brasilidade, ou seja, uma cultura sem teorizações não brasileiras, faz com que tudo isso contraste – nessa visada comparatista crítico biográfico-fronteriza contemporânea – com a cultura latino-americana incutida ao clivo de Gabriel García Márquez.

Da Europa, Oswald trouxe o *modus operandi* vanguardista, por assim ser, a forma necessária crítico-idealista fundamental para os novos tempos que o Brasil abriria e se prostraria a desenvolver. De lá pra cá, estamos em pleno exercício de leitura que jamais nega a contribuição moderna, mas que não se ancora nessa leitura eurocêntrica para conceituar a cultura latina. O filósofo indiano Homi Jehangir Bhabha – por forte influência eurocêntrica – ainda pensa na desconstrução da vida moderna, enquanto entendemos que o mais assertivo deva ser dispensar a modernidade (MIGNOLO, 2017, p. 2), ou seja, pensar de modo *outro*, logo, descolonial e não desconstruí-la:

O que se requer é demonstrar um outro território de tradução, um outro testemunho da argumentação analítica, um engajamento diferente na política de e em torno da dominação cultural. O que esse outro lugar da teoria poderia ser tornar-se-á mais claro se virmos primeiro que muitas ideias pós-estruturalistas são elas mesmas opostas ao humanismo e a estética do Iluminismo. Elas constituem nada menos que uma desconstrução do momento do moderno, de seus valores legais, seus gostos literários, seus imperativos categóricos filosóficos e políticos (BHABHA, 1998, p. 60-61).

Bhabha tenta cumprir – o que não dá conta de ser aplicado na América Latina – o que Oswald de Andrade e demais artistas da Semana De Arte Moderna brasileira tentaram, como papel responsivo, em 1922 no Brasil, quando se comemorou, naquele fatídico ano, o centenário da independência cívica do Brasil quando se tornara liberto de Portugal. Nesse preciso sentido reconhecemos a visada desviante de Bhabha, mas ao mesmo tempo, discordamos em que se projete uma desconstrução das ações modernas (MIGNOLO, 2017, p. 12), pois, não a negamos – existencialmente – apenas entendemos que a criticidade disposta pela estagnante produção europeia não condiz com o pensamento próprio latino-americano.

A articulação da data com a proposta de Oswald de Andrade se concatenou ao espírito de libertação, de rompimento com a vigência crítica, ofertando no Brasil (MIGNOLO, 2017, p. 3) naquele momento, um período em que o país saltava séculos de colônia para um novo angariar principalmente literário: seria enfim, uma contribuição decisiva à inadiável determinação política de saltar por cima de cinco séculos alheios e de entrar pisando firme, com um horizonte cujo milênio iminente (MÁRQUEZ, 2011, p. 37), logo, a face para um novo horizonte apontada pelo escritor colombiano se aliança à crítica de Nolasco (2013) de se valorar de forma mais aprofundada

a nossa própria cultura. Por apontamentos assim dizemos que a América Latina existe:

Ainda pelos anos quarenta, Giovanni Papini também declarou que a América Latina não havia contribuído em nada com a humanidade, nem ao menos com um santo, como se isso lhe parecesse pouca coisa. Ele se enganou, pois já tínhamos Santa Rosa de Lima, que ele não contou, talvez por ser mulher. Sua afirmação ilustrava muito bem a ideia que os europeus sempre tiveram de nós: tudo o que não parece com eles parece um erro, e fazem de tudo para, à sua maneira, corrigir isso, corno, aliás, fazem os Estados Unidos (MÁRQUEZ, 2011, p. 76).

Como esperar algo diferente de alguém que tece a sua crítica a partir do berço de lençóis-finos-eurocêntricos? Por isso é importante ressaltar que não se pode perceber uma cultura se não a conhece, ou melhor, que se está inserido da mesma madeira de quem o está, pois em contrapartida divagará no achismo. Giovanni Papini – em sua ala filosófica – produziu uma coletânea tentando satirizar o que poucos como ele encontrou humor. Por esses meandros concordamos com Gabo, apostamos que a literatura (MIGNOLO, 2017, p. 11) é além de ferramenta para se disseminar a arte, uma genuína ponte para se edificar a nossa latinidade, vez que os autores latinos – majoritariamente – valoram a nossa cultura pensando com e a partir dela desde o Chile até o México na nossa América Latina.

Gabriel García Márquez demonstrou – através da crítica a Papini – que se torna vago falar de algo que não se conhece com propriedade, isso conotaria a ideia de desdém. Ao apreciarmos – epistemologicamente – essa crítica, compreendemos e concordamos que Gabo não apenas teoriza sobre essa ideia defensiva por ser latino-americano, mas compreende a ideia de discordar que não somos omissos, pelo contrário, sempre bradamos a nossa mensagem, mas que essa era escanteada, oprimida, silenciada, como tentaram fazer na condicional

de Papini, mas presumimos, acabaram divagando em suas considerações inconsistentes.

Gabo acaba sendo ríspido – o que parece ser verdade – ao dizer que essa sempre foi a ideia que os europeus tiveram de nós, latino-americanos, mas com certeza na corrida defensiva esqueceu de dizer que a nossa literatura poderia ser oprimida, porém nunca deixou de ser vislumbrada, mesmo que de maneira curiosa, na impressão de que fôssemos vigiados criticamente. Assim nesse introyto defensivo, não apenas concordamos com Gabo, mas sentimos a necessidade de dizer que quando não imprimimos os moldes por eles sustentados, estamos fora do eixo-equilibrado da crítica, o que discordamos com veemência.

Devemos recordar, portanto, que não erramos por fazer diferente, nem muito menos tentamos fazer diferente, simplesmente, somos diferentes. Nosso pensamento é próprio, e por ser próprio, latinizado, pensamos descolonialmente e, de forma responsiva, considerando as nossas questões crítico-biográficas de foro-genuíno fronterizo, enunciamos. Assim nasce o encontro comparatista entre Gabo e Nolasco cuja vicissitude está imbricada na revolta contra a prática eurocêntrica de nos minorar e da falta de credibilidade que grande parte das vezes nos é creditada. A proposta comparatista aqui mais uma vez traz Nolasco aliançado à criticidade de Gabo apagando aferições como as de Papini, discernindo a necessidade de se pensar a América Latina a partir da América Latina e com a América Latina:

Não por acaso, grande parte dos estudos críticos sobre a América Latina tem insistido na importância dos *loci* culturais como posicionamento de uma crítica cultural que seja capaz de aferir a América Latina de dentro dela mesma. Todavia, tais estudos tornam-se um problema quando não são articulados de dentro da própria América Latina, pois são mais suscetíveis a reforçar uma certa subalternidade crítica interna (NOLASCO, 2013, p. 31-32).

Os *loci* culturais teorizados pelo escritor e professor brasileiro fundamentam – epistemológica e culturalmente – o passo correto a ser dado quando se almeja discutir a América Latina com propriedade cultural (MIGNOLO, 2017, p. 1) condicionada aos entre-lugares daquele que goza do direito de ser latino-americano. Assim emerge cada vez mais a literatura contemporânea na América Latina que neste diálogo que estamos propondo abarcado pela crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea que aqui ofertamos categoricamente – como investigador no doutorado em Estudos de Linguagens pela UFMS, através do NECC, em Campo Grande–MS, estado limítrofe-fronteiriço com os países Bolívia e Paraguai, logo, nosso local de fala, nosso lócus de enunciação que precisa estar sempre referenciado como ponto de partida para qualquer diálogo crítico biográfico comparatista fronteiriço para que não caiamos nas falácias papinianas que foram dispostas ao mundo e que pouco a pouco estamos consertando crítica e culturalmente através da nossa literatura comparada contemporânea descolonial que estamos propondo.

Na obra *Eu não vim fazer um discurso*, Gabo reitera o olhar internamente latino, proporcionando a identidade de uma língua – latino-mestiça – que muito representa na parte sul da nossa América Latina, demonstrando, sobremaneira, que o foco crítico-apreciativo dele é se debruçar sobre o nosso lócus que habitamos e vivemos a nossa latinidade no diálogo Sul-Sul (DUSSEL, 2016, p. 52) idealizado e incentivado por Enrique Dussel. Nessa esteira, Gabo retrata:

Uma das grandes alegrias que levo dessas duas jornadas sem recreio foi o primeiro encontro com meu bom vizinho, o ministro Francisco Weffort, que começou por nos surpreender com seu castelhano impecável. Por outra parte, me pergunto se ao redor desta mesa existem mais de duas pessoas que falem português. Bem disse o presidente De la Madrid que nosso castelhano não se incomoda por saltar o Mato Grosso, enquanto os brasileiros, num esforço nacional por se entender

conosco, estão criando o portunhol, que talvez seja a língua franca da América Latina (MÁRQUEZ, 2011, p. 78).

Quando Gabriel García Márquez pensa – sugestivamente – que a língua franca latino-americana deva ser o portunhol – mescla sincrética entre as línguas espanhola e portuguesa – o autor colombiano aponta para o diálogo demonstrativo em que se interage amistosamente por culturas fronteiriças promovendo um campo cultural (BHABHA, 1998, p. 63) cuja obra literária em apreciação demonstra mais uma vez as questões biográfico-fronterizas apostadas e defendidas por Nolasco. A literatura comparada latino-americana contemporânea passa pelos incipientes capítulos dos séculos XXI e tem buscado – majoritariamente – se ancorar em uma verve crítica incessante pela descolonização.

Quando Gabo aprecia a questão do portunhol em sua obra literária ele não apenas incita essa ideia, mas também afasta a possibilidade de pensar em Espanha e Portugal, pois ele como sendo colombiano, sintoniza um episódio dialogal com o ex-ministro da cultura brasileiro na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort sem ao menos precisar dizer – sem receio de ser mal interpretado – eliminando a possibilidade de se pensar um diálogo Espanha-Portugal em decorrência do predicativo portunhol, mas com certeza, aludindo à ideia crítico-cultural entre o Brasil (MIGNOLO, 2017, p. 3) e os demais países latino-americanos, isso sim é para nós a busca pela latinidade, ou seja, a prática do (des)britanizar para enaltecimento da própria cultura, uma visada comparatista contemporânea (MIGNOLO, 2017, p. 2) nos recorda o escritor brasileiro Oswald de Andrade com sua proposta antropofágica de se pensar o consumo – abastecimento – da cultura (BHABHA, 1998, p. 64) para dela e com ela enunciarmos.

Essa cultura pensada na América Latina – contemporânea – sinaliza o processo crítico biográfico comparatista fronterizo que devemos

realizar, ou melhor, (des)britanizar no cerne que busca conquistar, fortalecida(mente), uma libertação que transcende o passo – moderno – de insignificativamente falar sobre, mas consistente e culturalmente pensar e enunciar sobre afugentando moldes-hegemônicos vigentes:

É nessa direção que entendo a perspectiva pós-ocidentalista do crítico: ao invés de reproduzir as estruturas dos estudos de área, a epistemologia de uma crítica hegemônica, um discurso que visa uma totalidade, por ser acadêmico e disciplinar por excelência, tal perspectiva crítica ultracontemporânea propõe uma discussão crítica sem precedentes na história da crítica na América Latina (NOLASCO, 2013, p. 54-55).

Se a América Latina não produz cultura segundo Giovanni Papini, compreendemos que – epistemologicamente – a cultura (MIGNOLO, 2017, p. 7) deve ser avantajada, quando nos referimos à latinidade para que através do fortalecimento do diálogo Sul-Sul (DUSSEL, 2016, p. 68), possamos delinear não mais um pensamento periférico, pois com isso alimentamos a ideia eterna do centro, mas a ideia de um pensamento próprio que roça suas fendas-fronteiriças para aquecer a criticidade latina irmanando a ideia apreciada por nós a respeito do girassol moderno (MIGNOLO, 2017, p. 8), que sofre por possuir única fonte nutritiva-cultural, o sol eurocêntrico (BHABHA, 1998, p. 43), enquanto nós nos guiamos pelo sol latino-americano que mesmo em dia de chuva nos aquece – epistemologicamente – para prosseguirmos a batalha-libertadora pela edificação da nossa latinidade. Por esse intento, as obras crítico-literárias que aqui estamos comparando destacam a necessidade crítica comparatista biográfico-fronteriza contemporânea para se compreender a literatura comparada latino-americana que serve como ferramenta para a nossa enunciação latina de pensamentos próprios amodernos, ou seja, (des)britanizados. A literatura latino-americana passa, portanto a assumir o papel responsivo – através dos seus autores – de se quali-

ficar a nossa visada literária sem moldes e sem predeterminações de base eurocêntrica, mas com sensibilidades atravessadas pelo nosso biolocus latino de salpiques, merengues, samba, polca, salsa, tango – *muchos otros estilos* – e bastante portunhol, percebidos e praticados pela nossa crítica comparatista biográfico-fronteriza.

## Referências

BHABHA, Homi K. “O compromisso com a teoria”. In: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana L. de L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 43-69.

CANDIDO, Antonio. “Literatura comparada”. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 211-215.

CARVALHAL, Tania Franco. “A Weltliteratur em questão”. In: CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 89-107.

CARVALHAL, Tania F. “Sob a égide do cavaleiro errante”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 8, p. 11-17, 2006.

COUTINHO, E. F. “Literatura comparada em América Latina: uma disciplina transcultural”. *Cuadernos Del CILHA*, v. 19, n. 2, p. 15-25, 2018.

DUSSEL, E. “Transmodernidade e Interculturalidade” (Interpretação desde a Filosofia da Libertação). In: FORNET-BETANCOURT, R. (Orgs.). *Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Eu não vim fazer um discurso*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

MIGNOLO, Walter D. A razão pós-ocidental. In: MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 133-180.

MIGNOLO, Walter D. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura. Língua identidade*, n 34, p. 287-324, 2007.

MIGNOLO, Walter D. “Colonialidade: o lado mais sombrio da modernidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-17, 2017.

NOLASCO, Edgar Cézár. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Literatura comparada, intertexto e Antropofagia". In: PERRONE-MOISÉS. *Flores da escrivantina*. SP: Companhia das Letras, 1990. p. 91-99.